

Avaliação da função sexual e sua relação com uso de contraceptivos hormonais entre estudantes do curso de Medicina de uma universidade pública no estado de Goiás

Beatriz Alves Lima¹, Leonardo Ferreira Pucci², Renato Moraes Ferreira³, Paulo Marcelo de Andrade Lima⁴

¹Discente, Faculdade de Medicina, Universidade de Rio Verde Campus Goiânia – PIVIC/UniRV.

²Discente, Faculdade de Medicina, Universidade de Rio Verde Campus Goiânia.

³Discente, Faculdade de Medicina, Universidade de Rio Verde Campus Goiânia.

⁴Orientador, Faculdade de Medicina, Universidade de Rio Verde Campus Goiânia, paulo.lima@unirv.edu.br.

Reitor:

Prof. Dr. Alberto Barella Netto

Pró-Reitor de Pesquisa e Inovação:

Prof. Dr. Carlos César E. de Menezes

Editor Geral:

Prof. Dra. Andrea Sayuri Silveira Dias Terada

Editores de Seção:

Profa. Dra. Ana Paula Fontana

Prof. Dr. Hidelberto Matos Silva

Prof. Dr. Fábio Henrique Baia

Pra. Dra. Muriel Amaral Jacob

Prof. Dr. Matheus de Freitas Souza

Prof. Dr. Warley Augusto Pereira

Fomento:

Programa PIBIC/PIVIC UniRV/CNPq 2023-2024

Resumo: A sexualidade feminina é multifatorial, com determinantes físicos, emocionais e socioculturais. Todavia, inúmeros agentes possuem a capacidade de desestabilizar esse sistema, sendo o uso de contraceptivos hormonais um potencial mecanismo de disfunção sexual, em decorrência do seu mecanismo de ação. Assim, o presente estudo avaliou o perfil epidemiológico e as variáveis relacionadas ao uso dos métodos contraceptivos, e a sua relação com a função sexual, entre estudantes do curso de medicina de uma universidade pública do Estado de Goiás. Trata-se de um estudo transversal, descritivo e analítico, cujas variáveis foram obtidas por meio de questionários autoaplicáveis, contendo perguntas sobre o perfil sociodemográfico, experiência e disfunção sexual (pelo *Female Sexual Function Index - FSFI*). Em uma amostra de 241 questionários elegíveis, identificou-se predomínio etário entre 20 e 25 anos (68,5%), heterossexuais (88,8%), solteiras (91,7%), católicas (38,6%) e cursando o ciclo básico (49,0%). Dentre os métodos hormonais, a pílula foi o mais utilizado (73,8%), seguido do dispositivo intrauterino (22,8%). Dentre as 191 voluntárias que iniciaram atividade sexual, o questionário FSFI revelou que 47,5% apresentam um quadro de disfunção sexual, sendo a população mais acometida aquela que utiliza métodos não hormonais ou nenhum método (58,5%). Em conclusão, foi possível estabelecer uma associação entre o uso de contraceptivos hormonais e a melhora da função sexual feminina, o que pode se relacionar com uma interpretação de maior segurança durante as relações sexuais.

Palavras-Chave: Contracepção Hormonal. Saúde da Mulher. Saúde Sexual.

Evaluation of Sexual Function and Its Relationship with the Use of Hormonal Contraceptives Among Medical Students at a Public University in the State of Goiás.

Abstract: The female sexuality is multifactorial, with physical, emotional, and sociocultural determinants. However, numerous factors can destabilize this system, with the use of hormonal contraceptives being a potential mechanism for sexual dysfunction due to their mode of action. Thus, this study evaluated the epidemiological profile and the variables related to the use of contraceptive methods and their relationship with sexual function among medical students at a public University in the state of Goiás. This is a cross-sectional, descriptive, and analytical study, with variables obtained through self-administered questionnaires containing questions about sociodemographic profile, sexual experience, and dysfunction (measured by the Female Sexual Function Index - FSFI). In a sample of 241 eligible questionnaires, there was a predominance of individuals aged between 20 and 25 years (68.5%), heterosexuals (88.8%), single (91.7%), Catholics (38.6%), and those in the first two years of Medical School (49.0%). Among the hormonal methods, the contraceptive pill was the most used (73.8%), followed by the intrauterine device (22.8%). Among the 191 volunteers who initiated sexual activity, the FSFI questionnaire revealed that 47.5% exhibited signs of sexual dysfunction, with the most affected population being those who used non-hormonal methods or no method at all (58.5%). In conclusion, it was possible to establish an association between the use of hormonal contraceptives and improved female sexual function, which may relate to a perception of greater security during sexual relations.

Keywords: Hormonal Contraception. Women's Health. Sexual Health

Introdução

A anticoncepção corresponde ao uso de métodos e técnicas com o objetivo de impedir que o relacionamento sexual resulte em gravidez (Finotti, 2015). Diversas são as formas de contracepção, podendo ser divididos entre métodos reversíveis e definitivos. Dentre os reversíveis incluem os preservativos femininos e masculinos, e as preparações hormonais apresentadas na forma de pílulas e minipílulas orais, injetáveis, diafragma, adesivos, anéis vaginais e dispositivos intrauterino (DIU); a laqueadura de trompas e vasectomia são os representantes dos métodos definitivos (Almeida; Assis, 2017).

Os métodos hormonais consistem de formulações contendo estrógenos e progestágenos, ou apenas progestágenos e agem na contracepção por meio da inibição da liberação de dois hormônios hipofisários, o hormônio folículo estimulante e o hormônio luteinizante. Como resultado, há efeito inibitório sobre o desenvolvimento do folículo ovariano e o impedimento da ovulação, respectivamente. Ademais, os contraceptivos à base apenas de progestágenos também conseguem alterar o espessamento do muco não permitindo a ascensão do espermatozoide pelo útero e agir na hipotrofia do endométrio, dificultando o processo de nidação (Brandt et al., 2018).

Os anticoncepcionais orais à base de estrogênio aumentam a produção da globulina ligadora de hormônios sexuais (SHBG), uma proteína, sintetizada pelo fígado, responsável por transportar a maioria dos hormônios sexuais, como a testosterona, a dihidroxiprogesterona e o estradiol. Nesse contexto, a alta afinidade da testosterona por essa globulina, associada aos altos níveis de SHBG, podem reduzir as taxas de testosterona livre no organismo, podendo-se assim traçar uma possível relação de causa e efeito entre o uso de contraceptivos hormonais e a ocorrência de disfunção sexual em mulheres de todas as idades (Wallwiener et al., 2015). Para o estudo da disfunção sexual, o questionário padronizado *Female Sexual Function Index (FSFI)* é, atualmente, o modelo mais utilizado e leva em consideração seis domínios, que incluem desejo sexual, excitação sexual, lubrificação vaginal, orgasmo, satisfação sexual e dor (Pacagnella et al., 2009).

Sendo assim, o presente estudo teve como objetivo conhecer o perfil de uso de métodos contraceptivos por estudantes do curso de Medicina de uma Universidade pública do estado de Goiás, bem como, estabelecer a relação entre o tipo de método contraceptivo utilizado e a função sexual feminina neste público.

Material e Métodos

Trata-se de um estudo observacional transversal, ao qual foi empregado como instrumento de coleta de dados, um formulário autoaplicável, dividido em 2 partes. A primeira parte envolveu 20 perguntas para obtenção de informações sociodemográficas e histórico sobre experiências de uso de métodos contraceptivos; a segunda parte consistiu na aplicação do questionário padronizado FSFI para obter informações sobre a disfunção sexual das participantes.

As participantes compõem alunas regularmente matriculadas no curso de Medicina de uma Universidade pública do estado de Goiás. Como critérios de inclusão foram selecionadas apenas mulheres em idade reprodutiva, com idade superior a 18 anos de idade. O período de realização da coleta dos dados ocorreu entre agosto de 2023 e julho de 2024.

Todos os procedimentos foram aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob o número CAAE: 68935023.0.0000.5077.

Resultados e Discussão

O estudo vigente obteve um total de 270 questionários respondidos, o que corresponde a 42,8% da população estudada (total de 630 alunas matriculadas). Foram eliminados 29 questionários (10,7%) por apresentarem dados conflitantes em relação às suas respostas sobre perguntas dependentes.

Entre os 241 questionários elegíveis, a maioria das entrevistadas têm entre 20 e 25 anos de idade (68,5%), são heterossexuais (88,8%), solteiras (91,7%), de religião católica (38,6%) e cursavam o ciclo básico (49,0%), que refere aos primeiros 2 anos do curso. Dentre elas, 191 (79,2%) tiveram a sua primeira relação sexual, ocorrendo, em sua maioria, entre 15 e 18 anos (68,6%), com parceria estável nesta primeira relação (74,3%) (Tabela 1).

Tabela 1 – Perfil sociodemográfico das participantes

VARIÁVEL	TOTAL n = 241 (100%)
Anos (idade)	
< 20	36 (14,9)
20-25	165 (68,5)
26-30	24 (10,0)
>30	16 (6,6)
Ciclo universitário	
Básico	118 (49,0)
Clínico	84 (34,8)
Internato	39 (16,2)
Religião	
Católica	93 (38,6)
Evangélica	77 (32,0)
Espírita	43 (17,8)
Sem religião	26 (10,8)
Outra	2 (0,8)
Estado civil	
Casada	11 (4,6)
Solteira	221 (91,7)
União estável	9 (3,7)
Divorciada	0 (0)
Viúva	0 (0)
Iniciação sexual	
Sim	191 (79,2)
Não	50 (20,7)



Em relação a experiência de uso dos métodos contraceptivos, 195 entrevistadas (81,2%) já fizeram uso e, no período da entrevista, 163 (67,6%) estavam sob uso de algum contraceptivo hormonal. Dentre os métodos hormonais, a pílula foi o método mais utilizado entre as entrevistas (73,8%), seguido do dispositivo intrauterino (22,8%). Quanto aos não-hormonais, prevalecem a tabelinha (13,2%) e camisinha (8,7%). Entre àquelas que fazem uso atualmente de algum método contraceptivo, a pílula atinge 40,2% e o dispositivo intrauterino atinge 23,2% das entrevistadas (Tabela 2).

Tabela 2 – Uso de métodos contraceptivos

MÉTODO CONTRACEPTIVO	JÁ USOU n (%)	USA ATUALMENTE n (%)
Adesivo	3 (1,2)	1 (0,4)
Anel vaginal	7 (2,9)	0 (0)
Camisinha	21 (8,7)	7 (2,9)
Diafragma	0 (0)	0 (0)
DIU	55 (22,8)	56 (23,2)
Implante subcutâneo	9 (3,7)	5 (2,1)
Injetável	19 (7,9)	4 (1,6)
Laqueadura	0 (0)	0 (0)
Pílulas de uso oral	178 (73,8)	97 (40,2)
Tabelinha	32 (13,3)	3 (1,2)
Nenhum	41 (17,0)	75 (31,1)

Considerando apenas as estudantes que já tiveram a sua primeira relação sexual (n = 191), o questionário FSFI, revelou que 47,5% destas estudantes apresentam um quadro de disfunção sexual (Tabela 3). A disfunção sexual apresentou-se maior entre as alunas com menos de 20 anos de idade (66,7%) e entre as entrevistadas que fazem uso de método não hormonal ou não usam nenhum método contraceptivo (58,5%).

Tabela 3 – Disfunção sexual e suas variáveis

VARIÁVEL	TOTAL n = 191 100%	DISFUNÇÃO SEXUAL	
		SIM n = 91 47,6%	NÃO n = 100 52,4%
Idade (anos)			
< 20	24 (12,6%)	16 (66,7%)	8 (33,3%)
20-25	128 (67,0%)	58 (45,3%)	70 (54,7%)
26-30	24 (12,6%)	10 (41,7%)	14 (58,3%)
> 30	15 (7,8%)	7 (46,7%)	8 (53,3%)
Ciclo universitário			
Básico	83 (43,5%)	37 (44,6%)	46 (55,4%)
Clínico	72 (37,7%)	35 (48,6%)	37 (51,4%)
Internato	36 (18,8%)	19 (52,8%)	17 (47,2%)
Religião			
Católica	82 (42,9%)	38 (46,4%)	44 (53,6%)
Evangélica	52 (27,2%)	27 (51,9%)	25 (48,1%)
Espírita	30 (15,7%)	14 (46,7%)	16 (53,3%)
Sem religião	25 (13,1%)	11 (44,0%)	14 (56,0%)
Outra	2 (1,1%)	1 (50,0%)	1 (50,0%)



Estado civil			
Casada	11 (5,8%)	4 (36,4%)	7 (63,6%)
Solteira	171 (89,5%)	85 (49,7%)	86 (50,3%)
União estável	9 (4,7%)	2 (22,2%)	7 (77,8%)
Orientação sexual			
Heterossexual	172 (90%)	85 (49,4%)	87 (50,6%)
Homossexual	4 (2,1%)	1 (25,0%)	3 (75,0%)
Bissexual	13 (6,9%)	5 (38,6%)	8 (61,5%)
Assexual	1 (0,5%)	0 (0%)	1 (100,0%)
Pansexual	1 (0,5%)	0 (0%)	1 (100,0%)
Método contraceptivo			
Adesivo	1 (0,5%)	1 (100,0%)	0 (0%)
Anticoncepcional injetável	3 (1,6%)	0 (0%)	3 (100,0%)
Dispositivo intrauterino (DIU)	55 (28,8%)	14 (25,5%)	41 (74,5%)
Implante anticoncepcional	5 (2,6%)	3 (60,0%)	2 (40,0%)
Pílula anticoncepcional	86 (45,0%)	49 (57,0%)	37 (43,0%)
Não hormonal	5 (2,6%)	2 (40,0%)	3 (60,0%)
Nenhum	36 (18,9%)	22 (61,1%)	14 (38,9%)
Método contraceptivo			
Hormonal	150 (78,5%)	67 (44,7%)	83 (55,3%)
Não hormonal/Nenhum	41 (21,5%)	24 (58,5%)	17 (41,5%)

Para avaliar a influência de hormônios sobre a qualidade sexual das estudantes, para cada um dos 6 critérios do FSFI, foram comparadas as pontuações obtidas entre àquelas que fazem uso de contracepção à base de hormônios e àquelas que não fazem uso de método contraceptivo ou cujo método não envolve a presença de hormônio. Foi verificado que para todos os critérios de função sexual, as pontuações foram estatisticamente diferentes entre os grupos, onde àquelas que não fazem uso do método contraceptivo hormonal atingiram menores valores, o que caracteriza uma menor qualidade sexual, designada pelo FSFI como disfunção sexual (Tabela 4).

Tabela 4 – Influência do uso de contraceptivos hormonais e não hormonais na função sexual

	CONTRACEPÇÃO NÃO HORMONAL ou AUSENTE (n = 41)	CONTRACEPÇÃO HORMONAL (n = 150)	P
Desejo	3,26 ± 0,21	3,73 ± 0,10	0,04
Excitação	3,20 ± 0,39	4,36 ± 0,16	0,002
Lubrificação	3,19 ± 0,37	4,12 ± 0,16	0,009
Orgasmo	3,08 ± 0,37	3,85 ± 0,15	0,03
Satisfação	3,73 ± 0,28	4,57 ± 0,12	0,002
Dor	3,49 ± 0,40	4,33 ± 0,17	0,03
Total	19,97 ± 1,84	24,9 ± 0,73	0,003

Os resultados do presente estudo, diferentemente da hipótese esperada, demonstraram que as estudantes que fazem uso de contraceptivos hormonais apresentam maiores pontuações no questionário FSFI, o que indica uma melhor função sexual. Salienta-se que a baixa autoestima, medo e situações traumáticas contribuem para a ocorrência de comprometimento da função sexual (Purificação et al., 2021). Com relação à saúde mental, a depressão e os transtornos da ansiedade impactam na redução do desejo sexual, na dificuldade para alcançar o orgasmo e na ocorrência de dor (Bolsoni et al., 2024). A prevalência de disfunção sexual em pacientes com transtorno de ansiedade generalizada atinge cerca de 85,18% em detrimento de 38% em pacientes sem comprometimentos (Shringirishi et al., 2020).

É provável que o método hormonal, por se apresentarem mais seguros, contribuem na redução do medo de uma gestação indesejada durante a atividade sexual, além de serem aplicados em tratamentos ginecológicos, como endometriose e elevação da autoestima em pacientes com hiperandrogenismo clínico (Both et al., 2019). Os resultados obtidos corroboram com a hipótese de que a anticoncepção hormonal pode gerar efeitos satisfatórios na sexualidade feminina.

Conclusão

Os dados obtidos demonstraram que a prevalência de disfunção sexual entre as acadêmicas do curso de medicina acontece em maior proporção entre as menores de 20 anos de idade, e é superior naquelas que fazem uso de método contraceptivo não hormonal ou que não usam nenhum recurso contraceptivo. Foi notado um comprometimento da função sexual para todos os domínios analisados entre as estudantes que não fazem o uso da contracepção hormonal. Sugere-se que há relação entre a regulação hormonal e a melhora da função sexual, visto que podem atuar na resolução de sintomas como dismenorrea, acne e disforia pré-menstrual. Assim, contribuem na elevação da autoestima de suas usuárias, concomitantemente elevando o nível da função sexual. Nesse contexto, é imprescindível que as mulheres conheçam a si mesmas, percebendo sua sexualidade e seus fatores associados, sendo capazes de detectar possíveis alterações e buscar solucioná-las.

Agradecimentos

O Programa de Iniciação Científica da Pró-reitoria de Pesquisa e Inovação da Universidade de Rio Verde (PRPI-UniRV) chancelou a execução deste estudo.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, A. P. F.; ASSIS, M. M. Efeitos colaterais e alterações fisiológicas relacionadas ao uso contínuo de anticoncepcionais hormonais orais. **Revista Atualiza Saúde**, Salvador, v. 5, n. 5, p. 85-93, 2017.
- BOTH, S. *et al.* Hormonal contraception and female sexuality: position statements from the European Society of Sexual Medicine (ESSM). **Journal of Sexual Medicine**, Oxônia, v. 16, n. 11, p. 1681-1695, 2019.
- BRANDT, G. P.; et al. Anticoncepcionais hormonais na atualidade: um novo paradigma para o planejamento familiar. **Revista gestão & saúde**, Brasília, v. 18, n. 1, p. 54-62, 2018.
- BUTT, M. R. *et al.* Prevalence of and factors associated with female sexual dysfunction among women using hormonal and non-hormonal contraception at the AGA Khan University Hospital Nairobi. **African Journal of Primary Health Care & Family Medicine**, Bethesda, v. 11, n. 1, p. 1-9, 2019.
- FINOTTI, M. Manual de anticoncepção, **Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia (FEBRASGO)**, São Paulo, 2015.
- PACAGNELLA, R. C.; et al. Validade de construto de uma versão em português do Female Sexual Function Index. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 11, p. 2333-2344, 2009.
- PURIFICAÇÃO, E. R.; SANTOS, A. A. A.; FERRAZ, D. D. Disfunções sexuais em mulheres jovens universitárias: estudo transversal. **Revista Pesquisa Fisioterapia**, Salvador, v. 11, n. 2, p. 307-319, 2021.
- WALLWIENER, C. W.; et al. Are hormonal components of oral contraceptives associated with impaired female sexual function? A questionnaire-based online survey of medical students in Germany, Austria, and Switzerland. **Archives of Gynecology and Obstetrics**, v. 292, n. 4, p. 883 - 890, 2015.